

Ainda a inscripção christã de S. Pedro de Arcos
(N.^a S.^a do Valle) em Arcos de Valdevez

No *Boletín de la Real Academia de la Historia*, de Fevereiro do corrente anno, honra-me o erudito academico hespanhol P.^o Fidel Fita com minuciosa critica do artigo que publiquei em *O Arch. Port.*, VII, Abril e Maio de 1902, e fundamentalmente dissente da antiguidade que attribui á epigraphé christã de que nelle me occupava. Entende aquelle illustre publicista: 1.^o, que o monumento data do seculo VII ou VIII, em contrario da conclusão a que cheguei e segundo a qual elle é muito provavelmente do seculo XII; 2.^o, que a abreviatura DFR deve ler-se *confessor* e não *cumfrater*.

Como o meu estudo foi sincero e concisa a minha exposição, procurarei dar agora a minha defesa e explanar o que a concisão encolheu. Reconheço que é grande a autoridade do meu contraditor, mas acima de tudo está a convicção pessoal estabelecida lealmente, embora proclamada e defendida por um bisonho paladino. Obrigam-me sobremaneira as generosas expressões com que o Sr. P.^o Fidel Fita amacia a refutação do meu escrito; sobram-me motivos para conhecer que as não mereço, senão no que podem attingir a minha sinceridade, o meu simples desejo de acertar. Desde já, pois, as agradeço profundamente.

Posto isto, manda o amor da verdade que por minha parte apresente uma justificação, esclarecendo melhor os fundamentos das conclusões a que cheguei e apresentando-os francamente á apreciação esclarecida, e que tambem creio sincera, do illustre academico hespanhol.

I. — Preliminarmente diz o Sr. P.^o Fidel Fita que em investigações e estudos d'esta natureza, a photographia é quasi indispensavel. Concordo com este voto e por tal motivo fiz com que expressamente se tirasse uma reproducção photographica da lapide, que felizmente já se encontra no Museu Ethnologico por gratuito offerecimento do seu antigo dono (*Arch. Port.*, VIII, 203, pag. 57).

O attento exame d'esta photogravura convencerá certamente o Sr. P.^o Fidel Fita de que na pedra não ha vestigio algum dos ordinaes da era, e de que pois se póde acceitar sem «probanza evidente» a conjectura de que o epitafio foi lavrado em vida de Ordonius. Tanto mais que todas as letras estão profundamente abertas, desde o principio ao fim da inscripção.

A primeira objecção do meu erudito contraditor visa a formula *Famulus Christi*. Lendo-se em Hübner (*Inscriptiones Hispaniae Christianae*, praef. XI) que esta indicação era dada geralmente na Hespanha

a todos os defuntos desde o seculo v, sem restricção de provincias, fui levado a allegar que o seu emprego na epigraphie de Ordonius, visigotica pelo estilo, não obrigava a attribui-la a nenhum seculo de preferencia, e implicitamente concluia que não havia anachronismo em presumir de seculos relativamente recentes a inscripção que a empregava. Objectou-me o Sr. P.^o Fidel Fita que «la expresión *famulus Christi* ó *famula Christi* no comparece en ninguna inscripção posterior á la Edad visigótica. Sale, y mui rara vez, desde el siglo v hasta el VII inclusive; al paso que el dictado *famulus Dei* ó *famula Dei*, tan fructuente en aquellos siglos, va prolongando su eco en los siglos posteriores ó medioevales». Devia pois ser esta a formula empregada, se o monumento fosse de epoca mais moderna.

Ora este argumento soffre um desmentido formal na propria collecção de Hübner, do qual aliás o Sr. P.^o Fidel Fita cita em nota os n.^{os} 3, 14, 31, 45, 46, 47, 66, 68, 93, 98, 99, 120, 122, 180, 303, 309, 324, 328, 329, 333 e 378. Se porém formos compulsar uma por uma as epigraphes colligidas pelo douto allemão, encontraremos mais as dos n.^{os} 249 e 256 que evidentemente demonstram que a litigiosa formula não andava esquecida no seculo IX e X¹.

Ora, se o meu qualificado contraditor me viesse dizer que a inscripção do Valle era do seculo X, não me arguia cousa que eu não tivesse já vislumbreado, como se vê do que escrevi a pag. 85 e 89; mas vir dizer-me que ella é do seculo VII ou VIII, porque a expressão *famulus Christi* «no comparece en ninguna inscripção posterior á la Edad visigótica», isso pois é que eu não sei como acreditar.

A circumstancia de não serem os titulos dos n.^{os} 249 e 256 epitafios sepulcraes, nada invalida o facto de attestarem que o qualificativo

¹ 249.—Em uma cruz pertencente á sé de Oviedo:

+SVSCEPTVM PLACIDE MANEAT HOC IN HONORE DI QVOD OFFERVNT | FAMVLI XPI ADEFONSVS PRINCEPS ET SCEMENA REGINA... (era 932; p. C. 894).

256.—Em uma arca de prata da mesma igreja:

+SVSCEPTVM PLACIDE MANEAT HOC IN HORE DI QVOD | OFFERVN FAMVLI XPI FROILA ET NVNLO COGNOMENTO SCEMENA... (era 948; p. C. 910).

A segunda inscripção parece decalcada sobre a anterior e isso reduziria a um só exemplo o emprego da expressão *famulus Christi* no seculo IX (894), se na epigraphie do n.^o 247, se não empregasse em identica consagração a variante *servus Christi*, que se conservaria no caso do n.^o 249, se a outra expressão questionada estivesse em completo abandono.

de *famulus Christi*, com que se honravam os antigos christãos da Hespanha, era ainda usado no seculo IX e X. Faltaria ainda demonstrar, na hypothese especial de que me occupo, que o emprêgo d'aquella formula chegou ao seculo XII; mas desde que eu, por argumentos de outra origem e natureza, consigo provar que o epitafio só se pôde fundadamente attribuir a essa epoca, vejo-me obrigado a reconhecer, sem receio de incompatibilidade chronologica, a exacção d'esta segunda these ¹. Ainda debaixo do aspecto chronologico, o Sr. P.^o Fita attribue-me quatro fundamentos da minha demonstração, quando a verdade é que só o 3.^o e o 4.^o adduzi como provas directas. Houve inexacta interpretação das minhas expressões na outra parte, o que é bem natural, tendo eu escrito em lingua diversa da que S. Ex.^a fala, como sua. E por isso:

1.^o Attribue-me o meu generoso critico o afirmar que o emprego «exoterico» do nome *Ordonius* attestava a pouca antiguidade da epigraphie do Valle. Não é bem exacto isto; o que eu quis exprimir com as palavras que aliás com toda a lealdade o Sr. P.^o Fita transcreve na nota 5 de pag. 139 do cit. *Boletín*, foi que o nome *Ordonius*, fosse qual fosse a sua antiguidade, ainda era usado no seculo XII, e portanto não devia ser obice á provavel idade da inscripção.— Quanto á origem d'este antigo nome, faz o erudito autor do artigo a que me estou referindo, conjecturas, acêrca das quaes não ousou emittir opinião, tanto mais que isto não influe na antiguidade da lapide. De-Vit tambem disserta sobre o assunto (s. v. *Hordinius*), mas com differente parecer.

2.^o Dos *barbarismos* do epitafio do Valle não tirei outrosim argumento algum, nem pequeno nem grande, para a sua attribuição chronologica. Referi-os tão somente por me competir não deixar a epigraphie sem essa nota descriptiva. O Sr. P.^o Fita confessa que eu não faço «chincapié en esto argumento». Mas nem sequer como argumento o considerei.

3.^o Diz o erudito academico hespanhol não ser exacto aventar que «la fórma rectilínea de la S no penetró en España, traída de Francia, hasta el siglo XII²». Mas o Sr. P.^o Fidel Fita não apresenta, em boa verdade, nenhum argumento contra os meus; limita-se a duvidar da minha affirmacção, dizendo: a) que nem o S tem na lapide forma verdadeiramente rectilínea, «sino desmochada ó cepillada en sus angulos»;

¹ «Mirum enim est quam constanter in iis (titulis Hispaniae) servatae sint per non paucorum saeculorum spatia linguae, formularum, litterarum proprietates excultae tempore antiquiore» (Hübner, *op. cit.*, praefatio, xiv).

² Vid. *Arch. Port.*, pag. 86. «O seu apparecimento (do S) na peninsula coincide com a vinda da letra francesa nos fins do seculo XI e com a sua definitiva generalizaçáo pela segunda metade do seculo XII». É a minha affirmativa.

b) que, encontrando-se na paleographia visigoda o \square e o \square (no meu caso é \diamond), não vê motivo para que não tenha existido tambem o **S**.

À 1.^a observação responde o exame da photogravura que acompanha este novo artigo. À 2.^a respondo eu com o nosso proloquio—contra factos não ha argumentos. Ora, francamente direi ao eminente academico que só cheguei áquella conclusão, depois de considerar as seguintes razões, ás quaes o meu espirito não pôde deixar de se render: a) Hübner em 288 titulos hispanicos, que abrangem os seculos v a xi, não encontrou nenhum **S**; b) o nosso conhecido paleographista J. P. Ribeiro notou-o em inscrições portuguezas do seculo xiii quando, em Portugal, se tinha já introduzido e propagado a letra franceza, que



succedia á semigotica, como esta succedia á gotica; c) no Museu do Carmo, em Lisboa, ha uma lapide com **S** do seculo xii; d) na igreja romanica de S. Christovam, de Coimbra, existia um epitafio do seculo xii com o alludido character, devendo notar-se que ao lado d'elle estavam **L**, **N** e **M**, talqualmente na epigraphe do Valle; e) o paleographista hespanhol Merino não o consigna ao lado do \square e \square , entre os typos goticos ou romanos degenerados, a que pois não pertencia, em concordancia com Hübner. Estas cinco considerações demonstram o desconhecimento ou desuso do **S** em Hespanha nos seculos a que o laureado escritor attribue a epigraphe do Valle; pelo contrario; f) Chassant, que tambem cito no meu estudo (pag. 86 e nota 4) apresenta

uma serie de SS que se succederam em França desde o seculo VIII ao XVI e em 9.º lugar, distanciado pois do primeiro seculo da serie, lá se vê o S de que se trata ¹. Do confronto d'estas seis considerações, deduzi eu a procedencia de alem dos Pyreneus d'este typo, e, creio que sem offensa da logica, o seu emprego na baixa idade-media e a sua generalização na Hespanha com o influxo da escrita francesa no seculo XII.

Taes illações estavam incluídas naquellas premissas boas ou más, e provas do uso do S quadrado em Hespanha na alta idade-media nem as encontrei, nem o Sr. P.º Fidel Fita as apresenta. Estas razões afiguraram-se-me de valor para se dominar a estranheza que a mim tambem causou não encontrar o S anguloso ao lado dos [e dos □ ou ◇ ².

4.º «La C inversa y marcada, ó no, con un punto en el seno, tampoco es anterior al siglo XII».

Em primeiro lugar, o illustre archeologo duvida da exacta representação da sigla \mathcal{C} na gravura inserta n-*O Arch. Port.*, VIII, 82, e vê em lugar do . no seio do \mathcal{C} , um o, para ler *con* e não *cum*. A existencia do . no interior do \mathcal{C} é attestada pela actual photogravura, sem sombra de duvida. Mas não me parece necessario ver um o incluso no \mathcal{C} sobreposto de um til ($\bar{\mathcal{C}}$) para ler *con*; ainda com o simples . poder-se hia ler *con*, como S. Ex.^a deseja, e isto de acordo com os paleographistas a que me refiro no meu artigo d-*O Archeologo Português*. Portanto a abreviatura não é *cõfr.* mas *çfr* (*cumfr.*).

II.—Tenho agora de apresentar os motivos pelos quaes prefiro ainda hoje a leitura *cumfrater* a *confessor* para a abreviatura $\mathcal{C}\bar{F}R$.

A arguição do eminente academico hespanhol é esta: «El *F.* interpreta *confrater* la abreviatura *cõfr.*; mas no puede citar de ella ningún otro ejemplo. Nosotros podemos alegar la de *conf(essor)*, que sin disputa alguna se debe suplir así en la inscripción 57 de Hübner».

a) Vamos á sigla \mathcal{C} . Diz-me d'ella o meu illustre contraditor que não «tiene por sí sola el valor de la sílaba *con*». É preciso convirmos no

¹ Que antes do seculo VII, pelo menos, a tal forma quadrada do S era desusada em França confirma-o Le-Blant na *Revue Archéologique*, xxx, 178, onde, entre as formas paleographicas de capitaes em voga desde o seculo III ao VII, não apparece aquella; emquanto os CC, OO angulosos, os TT de traço curvo, os QQ minusculos, etc., já desde então datam. Em presença d'isto para termos no seculo VII ou VIII na Hespanha christã uma epigraphe com o S quadrado, seria necessario admittir a irradiação d'esta forma paleographica da peninsula para alem dos Pyreneus, o que me parece brigar com o que sabemos de transfusões historicas nestas epocas.

² Semelhante estranheza porem attenua-se a quem ponderar que existindo na baixa epigraphia romana o [e o ◇, tambem lá não havia o S de angulos.

seguinte: no meu modesto estudo acêrca da epigraphé christã do Valle, eu não inventei cousa alguma; todos os meus raciocinios são rigorosamente baseados no testemunho dos especialistas, e á fé das suas indicações paleographicas tirei as illações que serviram de fundamento ao meu juizo acêrca da antiguidade do monumento de que se trata.

De como a sigla \mathfrak{D} com ponto ou sem elle representa a particula *cum*, é pois facil encontrar a demonstração nos autores que aponto n-*O Arch. Port.*, pag. 88, nota 4, e que não vale a pena reproduzir aqui *brevitatis causa*. São expressos e positivos. Em todo o caso *cõ* é que lá não está, na inscripção. Não poderá pois haver duvida em ler *cum* se o digrama **FR** significar *frater*, como para o Sr. P.^o Fidel Fita a não ha em ler *con*, inclinando-se á leitura *cõf(esso)r*. Não é pois este o ponto controvertido, em que valha a pena insistir. A duvida está em que eu considero provavel que esta sigla seja uma das que adquiriram voga em Hespanha, no periodo transitorio contistuido pelos seculos XI e XII; o que corresponde a dar-lhe nesta lapide importancia chronologica.

Quaes são os elementos em que se estriba a minha conclusão?

Á mingua de ser eu mesmo paleographista ou epigraphista, vali-me dos subsidios prestados pelos que fizeram do assunto estudos especiaes e directos. Se não é exacto o que elles affirmam, igualmente inexacta é a conclusão a que me conduziram. Posto isto, aqui transcrevo o seguinte, de Muñoz y Rivero (*Manual*, pag. 71), num capitulo que se intitula *Las siglas en los documentos latinos posteriores al siglo XI*:

«En los documentos españoles escritos en latin fué muy común el uso de las siglas desde la introdución de la letra francesa, abreviándose de este modo, ya los nombres más comunes. . . . ya por ultimo, las palabras de uso más frecuente com *autem, cum, de, enim*», etc.

Do mesmo autor, noutro capitulo cuja epigraphé é *Uso de las siglas en los tiempos anteriores al siglo XII*:

«Durante la monarquia visigoda y en los primeros tiempos de la Reconquista, decayó el uso de esta manera de abreviar, no viéndose en los libros, inscripciones y documentos más abreviaturas por sigla que se usasen con frecuencia que las preposiciones *in* y *de* que se indicaban por la inicial».

As palavras d'este autorizado paleographista acima transcritas e mais as das paginas que aponto na nota 4 de pag. 88, juntamente com o que se infere dos outros autores citados, levaram o meu juizo a inclinar-se para a crença de que a sigla em questão, rara em seculos anteriores ao XII, se vulgarisara depois e portanto, ao lado de outros elementos concordantes, tornava provavel a attribuição da epigraphé do Valle ao seculo XII. Acresce que em Hübner não se vê um só exemplo

do \mathcal{D} inverso com um ponto incluído, o que nos permite suppor que não era graphia usada, senão rara até o seculo X ou XI. Com a generalização das abreviaturas, esta, que aliás já tinha a sua origem na epigraphia romana, foi aproveitada pelos amanuenses dos seculos XI e XII e do cursivo passava facilmente á escrita lapidar, visto como a maior parte das vezes o trabalho de lapidista era feito á vista dos dizeres da inscripção, traçados em escrita corrente, como é parecer de Le-Blant (*Revue Archéologique*, XXIX, 183).

Não tem esta minha argumentação character de certeza, nem eu lh'o dei no escrito que o Sr. P.^o Fidel Fita se dignou olhar com tanta attenção; mas não sendo o unico indício nesta epigraphie da sua procedencia do seculo XII, pareceu-me que ella reforçava as minhas conjecturas.

É preciso notar que todos os elementos de prova de que me soccorri, levam contestes ao mesmo resultado, que é o periodo paleographico transitorio, constituido pelos seculos XI ou XII; é a associação d'estes factos e d'estes argumentos que aqui tem uma importancia, que não pode deixar de se reconhecer.

b) Agora vejamos as razões pelas quaes interpretei o **FR** por *frater* (*cumfrater*) e não *confessor*, que me parece menos bem fundamentado.

O digramma **FR** sempre significou *frater*: na epigraphia romana (Cagnat, pag. 383); na medieval (Chassant, pag. 33, onde vem, conforme os casos, **FR** = *frater*; **FRE** = *fratre*; **FRES** = *fratres*, e pag. 17, *confres* = *confratres*; encontrando-se apenas $\mathcal{D}F^{\circ}$ = *confessor*, pag. 110, onde falta o **R**, e *qfess* = *confessoris* e *qfo4* = *confessorum*, a pag. 111 (veja-se tambem pag. xxv e 148). Em Rivero, nos documentos latinos de seculo XII a XVII, a abreviatura **FR** significa sempre *frater* (pag. 82) e não (*con*)*fessor*. Em Hübner vê-se tambem **FRES** significando *fratres*.

Portanto é menos exacto dizer-se que não ha exemplos para a minha interpretação; devendo demais a mais notar-se que o exemplo de Hübner que o eminente academico madrileno me indica, não tem applicação ao caso, porque é **CONF**, o que lá está, sem o **FR** que é precisamente a abreviatura reconhecida de *frater*.

Parece-me pois que não andei levemente lendo *cumfrater* na epigraphie do Valle; era a leitura mais obvia. E sendo *confrade* o sepultado, eu deveria ir buscar aos seculos X a XIII o costume monastico em virtude do qual muitas pessoas se confreiravam em um mosteiro, doando-lhes os seus bens, com reciprocas obrigações de parte a parte ¹.

¹ Deverá ver-se o *Elucidario* do nosso Viterbo, s. v. «*Familiares*», e Du Cange *Glossarium*, s. v. «*Familiares*».

Quer o Sr. P.^o Fidel Fita que **CFR** seja *confessor* e que *confessor* seja *cantor*, como em uma epigrapha do seculo VII, a que se refere o *Boletim*, xxx, 499, de acordo com o concillio Toledano I (*ibid.*, p. 504).

Ainda aqui peço venia para uma observação. O vocabulo *confessor* pode de facto significar *cantor*, grau ecclesiastico, mas tambem pode ser o mesmo que *confrade*¹. E neste caso, se paleographicamente falando, me parece mais curial ler *cumfrater* a abreviatura do titulo do Valle, concedendo que a decifração dê *confessor*, iamós dar ao mesmo uso dos seculos X a XIII. Simplesmente, o *confrade* era *confessor* quando se recolhia ao cenobio, abandonando-lhe os seus tês. Quer pois seja *confrade* quer *confessor*, Ordonio deve ter vivido entre os seculos X a XIII; mas esta instituição é incompativel com os seculos VII ou VIII².

Creio ter-me justificado das minhas asserções, ás quaes o abalisado academico P.^o Fidel Fita deu a honra de reflectida apreciação. No estudo que conscienciosamente fiz da epigrapha christã de S. Pedro do Valle em *O Arch. Port.*, VII, n.^{os} 4 e 5, cheguei a um resultado que a mim mesmo algo me surpreendeu, mas que acceitei em face dos elementos que me subministraram os epigraphistas e paleographistas; era a logica que me impunha aquella conclusão. Afigurara-se-me a principio o monumento do seculo X; tive depois de o reconhecer como mais provavelmente do seculo XII³; do seculo VII ou VIII é que não posso convencer-me que provenha. Bem sei que contradito uma autoridade, como a que é o Sr. P.^o Fidel Fita nestes assuntos, mas eu procuro

¹ Veja-se *Elucidario* de Viterbo, s. v. *Confessor* IV e *Confessor* V.

² Dá-se porem aqui uma coincidência que não posso deixar na sombra. A pag. 303 do *Elucidario* (s. v. «*Confessor*») lê-se o seguinte: «E finalmente de um instrumento dado por certidão da Torre da Tombo. . . . consta que o mosteiro de S. Salvador da Torre, junto á foz do Lima, fôra fundado pelo capitão Pelagio Vermudiz, vindo com outros capitães da sua geração correr e expulsar os Ismaelitas da terra de Entre-Minho-e-Douro, no de 1068. Depois d'isto *Ordonho, frater et confessor*, e da geração do fundador, achando-o ruinoso, o reedificou, congregou monges e fez sagrar a igreja por D. Jorge, Bispo de Tuy no de 1072». Estamos em fins do seculo XI. Eu attribui a epigrapha do Valle ao seculo XII, porque foi neste (incluido entre o X e o XIII) que os paleographistas Rivero e J. P. Ribeiro dão como estabelecida e implantada a letra francesa (cujá influencia me pareceu revelar a nossa inscripção), começada a usar-se em Hespanha no seculo XI. Para suspeitar que o Ordonho fundador de S. Salvador da Torre na foz do Lima foi escolher a sua sepultura num mosteiro que beneficiou (Viterbo, I, 429), situado algumas leguas a jusante e ainda marginal do mesmo rio, não teria eu senão que fazer no meu calculo uma correção que não lhe tira foros de razoavel precisão, tratando-se de epochas ainda assim afastadas.

³ Podem ver-se as minhas expressões a pag. 85, 89 e 91 do *Archeologo* citado.

sempre proceder por convicção propria. Não pretendo loucamente abrir discussão acêrca do assunto, mas confesso que as observações, aliás eruditas e tão deferentes, do illustre academico não me trouxeram o necessario convencimento. Posso ter errado, attribuindo (e em duvida sempre o fiz) a inscripção ao seculo XII; mas não deixei de ser logico com as premissas que os autores me estabeleceram.

Agosto de 1903.

FELIX ALVES PEREIRA.

Archeologia do Algarve

Concelho de Lagoa

Instrumentos neolithicos

A uma das innumeradas amabilidades do meu illustradissimo collega, prestante e dedicadissimo amigo, Dr. Segismundo Alves Roçadas, facultativo municipal da Camara da Lagoa, devo a aquisição dos seguintes instrumentos neolithicos (entre outros): um grande machado, uma enxó, um escopro e um machadinho.

Machado.—Tem 0^m,240 de comprimento, e 0^m,048 de largura e espessura na parte mais larga. É de fórmula de pyramide de secção transversal quadrada, desengrossada igualmente no terço inferior em duas faces oppostas para formar um gume de fio levemente convexo, preferentemente polido, assim como toda a extensão das facetas, que vem terminar insensivelmente no corpo do machado.

Desde o meio do comprimento do machado foi este desengrossado, de modo que os bordos não são em angulo recto, mas abatem a ponto de tornar a pyramide arredondada; termina em ponta, com grandes falhas que obstam a que se possa afirmar se o vertice era cortante ou não.

Em todas as partes desengrossadas assim, nas duas faces lateraes, não ha o menor vestigio de ter sido alisado sequer o instrumento.

Enxó.—É instrumento todo polido, de fórmula trapezoidal, de duas faces, convexa a posterior e plana a anterior, de bordos em angulos abatidos, de gume convexo formado á custa do desengrossamento da face anterior, sem faceta determinada, terminando por um vertice não cortante, constituido pelas duas faces que conservam a mesma fórmula: a posterior convexa, e a anterior plana.

O comprimento da enxó é 0^m,075, a largura na base é 0^m,045, e no vertice 0^m,02; a maior espessura é no meio 0^m,075 e no vertice